

RICHARD HOGGART

Luiz Jackson

Ugo Rivetti

setembro/2021

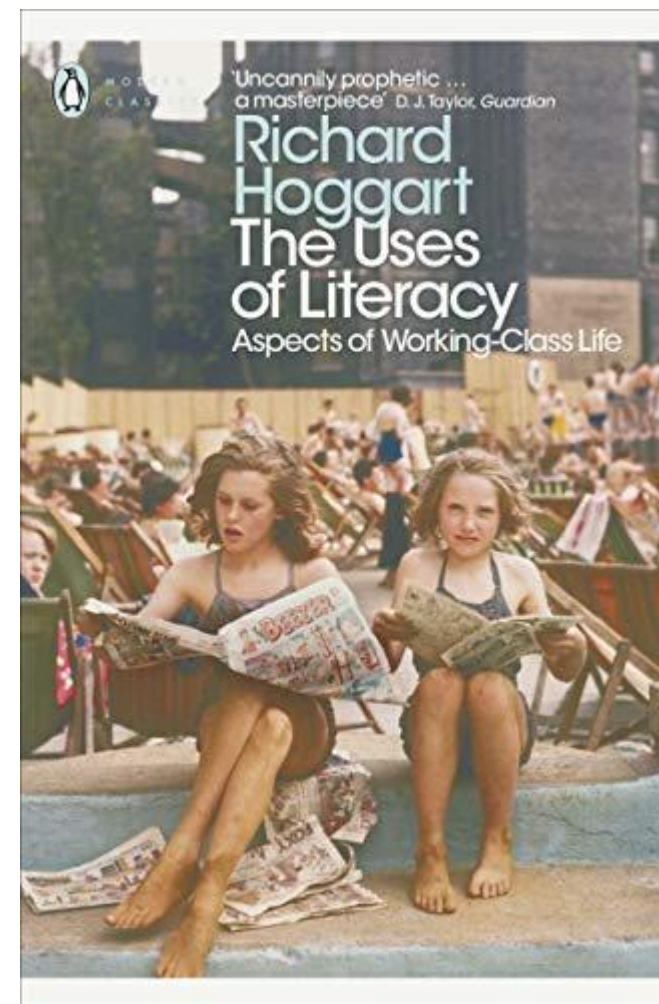
Origem social e dados biográficos

- Nascimento em 1918, na cidade de Leeds, norte da Inglaterra, em uma família da classe trabalhadora
- Perdeu o pai com 1 ano de idade e a mãe com 8, separado dos irmãos, foi criado pela avó amorosa, por duas tias e um tio.
- Trajetória escolar incomum, destacou-se no ensino primário, cursou uma "Grammar School", beneficiado por uma bolsa de estudos e chegou à Universidade de Leeds (1936), onde cursou inglês e conheceu sua futura esposa Mary.
- Serviu o exército inglês e lutou na Segunda Guerra Mundial
- No pós guerra foi tutor (como Williams) na educação de adultos, na Universidade de Hull, por 13 anos (1946-1959)



Dados biográficos (continuação)

- Publicação de seu primeiro livro (1951) sobre o poeta W. H. Auden
- Publicação de *The uses of literacy* (1957)
- Professor na Universidade de Leischester (1959-1962)
- Professor na Universidade de Birmingham (1962-1969 ou 1973)
- Funda o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) em 1964, por ele dirigido até 1968 e a partir dessa data por Stuart Hall
- Assistente da Direção Geral da UNESCO (1971-1975)



Contexto geral

- *The uses of literacy* responde aos contextos intelectual e político inglês do meio século XX
- De um lado, reivindicação da cultura operária como objeto legítimo, em oposição à crítica literária (disciplina dominante) conservadora, interessada apenas pela alta literatura, “o melhor que foi pensado e dito”
- De outro, questiona visão dos historiadores de esquerda, ironicamente referidos como “intelectuais de classe média com uma forte consciência social”, cuja definição da classe operária envolvia a expectativa de sua ação política revolucionária

Contexto político

- Fundado em 1900, o Partido Trabalhista (que assumiu essa denominação em 1906) se tornou, em meados da primeira metade do século XX, a principal força política da esquerda britânica, passando a polarizar a cena política local com o Partido Conservador (que antes tinha no Partido Liberal o seu principal oponente);
- Após uma primeira passagem infeliz pelo governo na virada dos anos 1920 para os 1930, os trabalhistas lideraram o primeiro governo do pós-Segunda Guerra, eleito em julho de 1945, sob a liderança de Clement Attlee. Foi nessa gestão que o partido estabeleceu as bases do estado de bem-estar social britânico (conservado, em linhas gerais, até o governo Thatcher nos anos 80), com a nacionalização de setores-chave da economia (transporte, aviação civil, infraestrutura, mineração, etc.) e com o estabelecimento de uma ambiciosa legislação social, cuja maior realização foi o sistema público de saúde (NHS, na sigla em inglês).
- Contudo, os trabalhistas foram derrotados nas eleições de 1951 pelos conservadores. A partir daí, o partido (que já nasceu reformista) seguiu em um processo de crescente adesão a teses revisionistas. Foi nesse cenário (de deslizamento para a direita do partido mais importante da esquerda britânica) que surgiu o movimento que ficou conhecido como Nova Esquerda.

Contexto político (2)

- Embora nunca tenha gozado da mesma importância e centralidade do Partido Trabalhista, o Partido Comunista da Grã-Bretanha foi historicamente importante enquanto espaço de formação política e intelectual (no quadro da luta antifascista dos anos 40) de alguns dos principais nomes da esquerda britânica da segunda metade do século XX, como E.P. Thompson, Christopher Hill e Eric Hobsbawm, expoentes do Grupo dos Historiadores do partido.
- Fundada por dois grupos – de um lado, militantes comunistas proscritos do partido em 1956 e, de outro, pós-graduandos de Oxford – a Nova Esquerda surgiu como uma tentativa de renovar o pensamento e a política da esquerda britânica: pela recusa do determinismo economicista promovido pelo marxismo ortodoxo soviético; pela tentativa de compreender (a partir do privilegiamento da esfera da cultura) as novas configurações do capitalismo; e pela defesa de novos modos de organização e mobilização política, menos hierarquizados e centralizados;
- Desde cedo, três obras foram tomadas como os marcos teóricos fundadores desse movimento de renovação da esquerda: *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Cultura e sociedade* (1958), de Raymond Williams e *A formação da classe operária inglesa* (1963), de E.P. Thompson.

Contexto intelectual

- Clima cultural dominado, desde meados da primeira década do século XX, por uma crítica literária aderida a visões da cultura e da história abertamente conservadoras. Crítica apoiada em um diagnóstico histórico segundo o qual: (1) a entrada em cena de novas classes (médias e trabalhadora) colocara em risco os padrões de gosto e de opinião e (2) o acirramento da luta de classes produziria tendências socialmente desagregadoras;
- Nesse cenário, caberia à crítica reivindicar ao estudo da literatura a posição de centro da cultura e educação inglesas, atribuindo-lhe a função de educar as massas trabalhadoras e as classes médias e de reunir as classes pelo respeito comum à herança nacional encarnada nos grandes escritores e nas grandes obras;

Contexto intelectual (2)

- Principais nomes dessa crítica literária: Matthew Arnold (1822-1888), T.S. Eliot (1888-1965) e F.R. Leavis (1895-1978);
- Segunda essa tradição de pensamento, a crítica literária representaria a última fortaleza na resistência ao avanço do rebaixamento do gosto e da cultura promovido pelo advento do secularismo, do industrialismo e da democracia porque ela é capaz de se afastar do presente e das condições que nele prevalecem, concentrando todo o esforço no exame daquilo que de melhor foi conhecido e pensado no mundo – “*the best that has been known and thought in the world*”, na célebre formulação de Arnold.

The uses of literacy

- Livro reconhecido como precursor dos “Estudos Culturais”, ao lado de *Cultura e Sociedade* (Raymond Williams, 1958) e *Formação da classe operária inglesa* (Edward Thompson, 1963)
- Por levarem “a ‘cultura’ a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada” (Stuart Hall, “Estudos culturais, dois paradigmas”, 2009, p.125)
- “Cultura” entendida em sentido abrangente, incluiria arte, literatura, mas, também, significantes e significados “comuns”, como os tratados por Hoggart, inscritos no processo histórico geral, do qual não poderiam ser desvinculados
- Outra ênfase é antropológica, cultura como modo de vida (voltaremos a essa questão na próxima aula)
- Também crítica ao “materialismo vulgar”, ao “determinismo econômico” (Hall)

The uses of literacy (esquema analítico)

- Questão: “modificações na cultura das classes proletárias [...] de modo especial aquelas que podem ser atribuídas à influência das publicações de massa” (p.9)
- De início, enfatiza método autobiográfico envolvido na reconstrução das “atitudes das classes proletárias”: “Sou oriundo das classes proletárias e, mesmo hoje sinto-me a um tempo próximo e afastado delas” (p.21)
- Definição da classe operária pretende evitar, de um lado, visão romântica, idealizada, de outro, visão militante “, que consiste em esperar demasiado das classes proletárias”
- E as define pelo sentimento de pertencimento , por meio das “coisas que admiram e das que lhes desagradam” (p.23), aos “grupos que habitam bairros operários de Leeds” (p.23). “Interessam-me sobretudo os aspectos nas sutis do estilo de vida que caracteriza o proletariado” (p.25).

Esquema analítico (2)

- Ou seja: casas arrendadas, salários semanais, escola elementar, linguagem abrupta (ditos populares), roupas baratas, compra à prestação, distinções internas de prestígio, valores, rotinas, organização familiar, mobília, relação direta ou indireta com a vida rural (exemplo tocante da avó que o criou). Militância política seria minoritária.
- Resistência à mudança (p.40)
- “A vida no proletariado é parte de uma cultura muito marcada, a qual, nalguns aspectos, pode ser considerada tão formal e estilizada como aquela que é atribuída às classes superiores” (p.40)
- Tese geral, em relação ao impacto disruptivo dos meios de comunicação: “até hoje as classes proletárias não foram de modo algum tão gravemente afetadas” (p41)
- Dimensões centrais exploradas no capítulo 2: centralidade do lar (lembra em passagem autobiográfica mortes do pai e depois da mãe e acolhimento de si e dos irmãos por membros da família), caracterizado pelo “conforto, calor e boa comida” (p.44), das figuras dominantes da família, a mãe (que mantém a unidade da família) e o pai (chefe e provedor), do bairro.

Esquema analítico (3)

- Explícita pobreza e sofrimento da mãe viúva: “a luta era dura e tirava à vida todo o prazer; três crianças pequenas esfomeadas e exigindo dela aquilo que lhes não podia dar só muito excepcionalmente podiam ser uma companhia agradável” (p.59)
- Propriedades do pai são introduzidas por sua corporalidade (depois tão explorada por Bourdieu), “um tipo físico bem definido”, assume para si a incapacidade de disfarçar a origem, apesar da mobilidade social.
- Bairro; “de aspecto pobre” e precário (explorado pelos olhos da criança em descrições literárias, que remetem a Dickens) “mas, para os seus habitantes, cada um desses pequenos mundos tem um caráter homogêneo e bem definido, tal o de uma aldeia” (p.73)
- Grupo (cap.3) seria também conformado pela “concepção de que o mundo se divide em “nós” e “eles”.
- Disposições psicossociais: dignidade, alegre resignação, tolerância, desconfiança da política, “da política nunca veio bem a ninguém” (p.124), hedonismo, pensamento concreto, valorização da intimidade, dos pormenores, relação a meio caminho com a religião (que teria sobretudo valor moral, ensina a “fazer o bem, ser honesto, decente, solidário”)

Esquema analítico (4)

- Revistas das classes proletárias e histórias nelas contidas seriam simples do ponto de vista literário, mas ajustadas á cultura a que se refere, haveria descrição pormenorizada, valorização da realidade cotidiana: “O mundo apresentado nessas histórias é um mundo simples e muito limitado, um mundo baseado numa meia dúzia de valores há muito estabelecidos e aceites. É muitas vezes um mundo ingênuo e espalhafatoso, no qual as emoções brotam a jorros. Mas são verdadeiras emoções, num mundo que não é corrupto, nem pretensioso” (p.155)
- O mesmo valeria para as músicas: “A maioria dessas canções, nas letras, nas melodias e na maneira como são cantadas, constituem a expressão de um ‘coração sensível’. Tocam velhas teclas, referem-se a valores que continuam a ser aceites. A vida lá fora, a vida de segunda-feira, é muito dura: mas ao fim e ao cabo são estes os verdadeiros sentimentos” (p201)